

GALERIA INTERCULTURAL MAGLIANI: IMPLEMENTAÇÃO DE UM ESPAÇO MULTIUSO E DE APODERAMENTO DE CULTURAS DIVERSAS

Bruna Rodrigues Silva ¹

Helora Ataydes Dilelio Ávila ²

Alef Franco Caldeira ³

Breno de Primo Melo de Araújo Brito ⁴

Patricia Schneider Severo ⁵

Giane Vargas Escobar ⁶

Resumo:

A Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, Campus Jaguarão, pode ser considerada como um território acadêmico de mobilidade e de transitoriedade de indivíduos advindos de diversos lugares do Brasil. Neste sentido, concebeu-se a necessidade de implementar uma Galeria Intercultural, que facilitasse o diálogo com os estudantes através das artes plásticas e visuais, promovendo maior integração cultural entre a comunidade acadêmica e a comunidade externa. Maria Lúcia dos Santos Magliani (Pelotas/RS 1946 - Rio de Janeiro/RJ 2012) foi a escolhida para ser a homenageada, por sua irreverência e luta, com o nome da Galeria Intercultural, a qual tem previsão de inauguração em novembro de 2017, na UNIPAMPA - Campus Jaguarão. A homenagem tem o intuito de manter viva e visibilizar a história da artista, estimulando que mais mulheres produzam e façam arte.

Palavras-chave: Artes, Galerias, Intercultural, Cultura, Apoderamento

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

GALERIA INTERCULTURAL MAGLIANI: IMPLEMENTAÇÃO DE UM ESPAÇO MULTIUSO E DE APODERAMENTO DE CULTURAS DIVERSAS

¹ Aluno de graduação. brunappc2016@gmail.com. Autor principal

² Aluno de graduação. heloradilelio@gmail.com. Co-autor

³ Aluno de graduação. alefcaldeiratur@gmail.com. Co-autor

⁴ Aluno de graduação. brenosantarenoppc@gmail.com. Co-autor

⁵ Docente. patriciaschneider@unipampa.edu.br. Orientador

⁶ Docente. gianeatinuke@gmail.com. Co-orientador



GALERIA INTERCULTURAL MAGLIANI: IMPLEMENTAÇÃO DE UM ESPAÇO MULTIUSO E DE APODERAMENTO DE CULTURAS DIVERSAS

1. INTRODUÇÃO

As galerias de arte surgem no Brasil com a necessidade de se propagar um ideal de identidade nacional, a partir da institucionalização das artes nos anos 30-40. Devido à propagação de espaços como museus, salões e a criação de escolas ao ensino superior de belas-artes, visando o aprimoramento técnico da produção artística. Estabelecendo as galerias como territórios de disseminação, apreciação e comercialização desta produção cultural plástica-visual.

Assim, outorga-se às galerias como um território intercultural, um lugar multiuso e de emponderamento de culturas diversas, onde poderes simbólicos são ressignificados, assim como a definição e a redefinição de ideologias, de acordo com a necessidade e na elaboração de se pensar novas simbologias que venham a contribuir à ordem social, embasadas pelos conceitos do poder simbólico pensado por Bourdieu (1989).

A Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, Campus Jaguarão, pode ser considerada como um território acadêmico de mobilidade e de transitoriedade de indivíduos advindos de diversos lugares do Brasil. Neste sentido, concebeu-se a necessidade de implementar uma Galeria Intercultural, que facilitasse o diálogo com os estudantes através das artes plásticas e visuais, promovendo maior integração cultural entre a comunidade acadêmica e a comunidade externa.

Maria Lídia dos Santos Magliani (Pelotas/RS 1946 - Rio de Janeiro/RJ 2012) foi a escolhida para ser a homenageada, por sua irreverência e luta, com o nome da Galeria Intercultural, a qual tem previsão de inauguração em novembro de 2017, na UNIPAMPA - Campus Jaguarão. A homenagem tem o intuito de manter viva e visibilizar a história da artista, estimulando que mais mulheres produzam e façam arte. Pintora, desenhista, gravadora, ilustradora, figurinista, cenógrafa Magliani residiu em Porto Alegre desde 1950. Na década de 1960, cursou artes plásticas e pós-graduação em pintura na Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, sendo a primeira mulher negra a ser formada pela instituição. Tendo suas artes voltadas às temáticas do apoderamento do corpo e da mulher. No dia 30 de setembro de 2017 a artista recebeu homenagem da cidade de Porto Alegre, tendo seu nome reconhecido, com a “Rua Maria Lídia Magliani”, no Loteamento Bela Vista Sul, no Campo Novo.

Configura-se, então, uma proposta de implementação de uma Galeria de artes plásticas e visuais no âmbito acadêmico, como um Programa de Extensão, ressaltando a importância desses espaços culturais na construção e na estruturação de novos poderes simbólicos, que dialoguem e sejam reflexo do convívio entre a comunidade acadêmica e a comunidade do entorno da UNIPAMPA, possibilitando a integração e o compartilhamento da produção cultural em diversas esferas do conhecimento e das linguagens artísticas.

Nesta lógica, os objetivos da Galeria são: possibilitar, com a implementação do espaço intercultural e multiuso, a produção e a propagação de outras linguagens estéticas dentro das artes plásticas e visuais; promover a experiência à comunidade acadêmica e fronteiriça, a exporem seus trabalhos plásticos e visuais resultantes do diálogo integrador; estimular o trânsito da comunidade externa à UNIPAMPA para a

visitação da Galeria intercultural multiuso, bem como o olhar contemplativo e crítico do público para com as obras expostas.

Ademais, intenta-se possibilitar além de um espaço integrador entre os cursos, comunidade, universidade e cidade; a implementação de uma gestão contínua do espaço, onde os discentes do curso de Produção e Política Cultural tenham o espaço como objeto, aliando o conhecimento acadêmico com a experiência vivencial do ambiente de trabalho, porque elucida e complementa, na prática, os temas abordados nas aulas pelos professores. Assim, o discente pode reter melhor o conhecimento sobre o curso, através da experiência galgada durante a gestão da Galeria, bem como o intercâmbio de novas ideias, planos e estratégias.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

As delimitações de uma galeria intercultural multiuso, implicam em contextualizações territoriais transpassadas por diversos conceitos como o político, o econômico, o social, o histórico, assim como o cultural que concernem ao espaço geográfico particularidades ou ainda peculiaridades como bem se atentou Haesbaet (2008), no qual a hibridização cultural proveniente da mobilidade dos indivíduos destas territorialidades integradas, não busque corresponder a um binarismo social.

Onde as hierarquias estabelecidas não estejam embasadas numa cultura de colonizadores e colonizados, pré-estabelecendo culturas dominantes como superiores e cultura dominadas como inferiores. Evitando com isso a propagação de uma cultura eurocêntrica, na qual perpetua-se valores através de simplificações universalizantes, que correspondam a uma reprodução de determinada cultura entendida como sendo periférica a uma cultura central. Buscando-se reconhecer a ligação desta cultura que advém de um pensamento pós-colonial para que de outra maneira, não assuma uma roupagem onde as relações de quem detém o poder continue sendo gerenciada pelos mesmos que antes detinham este poder, substituindo-se e trocando pelos mesmos que dizem corresponder a um não pos-colonialíssimos. Daí a necessidade de compreender a hibridização aferida aos contextos geo-históricos de determinada territorialidade ou ainda multi-territorialidade, que consiga romper as relações de poder pré-estabelecidas.

Segundo Serpa (2013), os espaços públicos são permeados por construções simbólicas que passam a balizar e impor barreiras invisíveis, desencadeando com isso uma territorialização do espaço voltadas para o controle das relações de poder entre grupos e agentes, que atuam nestes territórios de maneira diferentes e privatizando-os. A partir da construção de novas simbologias a transitoriedade de tais espaços passam a ser atravessada por diversas relações de poder que acabam por anular o outro, permitindo o acesso aos espaços, mas não a sua apropriação. O autor, ao entender a importância de diálogo destes indivíduos em sua diversidade e pluralidade transitória por esses espaços públicos, percebeu a necessidade em reconfigurá-los numa outra esfera, mas uma que possa corresponder ao dinamismo cultural das cidades contemporâneas. Que ao ser expostas dentro destes espaços passam a assumir uma característica de resistência em meio à diversidade existente nessas cidades, assumindo-se como importante ferramenta à propagação de outras culturas, por vezes sendo caracterizados como espaços de segregação ao circuito principal por onde transitam interesses exclusivistas.

Já com avanço da modernidade nas sociedades, os projetos urbanísticos passam a incorporar e ser caracterizados pela sua funcionalidade. As cidades contemporâneas passam a ser permeadas por determinada questão existencial

onde há uma enorme interação das artes visuais, que passam a dialogar ativamente a partir das suas intervenções nos espaços públicos (CARTAXO, 2009).

Constituindo-se como sendo arte de consumo e não encarada aqui como produto rentável, onde a compra e venda sejam fatores primordiais, mas que ainda assim tem por finalidade ser consumida pelo número exacerbado de transeuntes que se deslocam por entre os edifícios das grandes cidades. O que vem a acarretar, como em resposta ao consumo cultural que permeia essa mesma cidade, a configuração de outros subprodutos culturais visuais, que compreende a arte como algo inseparável dessa espacialidade contemporânea. Assumindo conotações de resistência em meio à pluralidade e diversidade, onde é possível reconhecer e identificar-se, através da simultaneidade proposta pelas artes como lugar de ser, existir e a sua reflexão, enquanto indivíduo inserido numa coletividade que transita por estes espaços funcionais internamente ou ainda externamente.

Num outro momento, tem-se o interesse de integrar a vida com a arte, dando uma vitalidade ao espaço, mas igualmente possibilitando a transformação do próprio indivíduo enquanto fazedor de arte (ARANTES, 2007). O artista passa a ser o agente que irá engendrar áreas de afetividade e lugares para a experimentação de interesses correlacionados, distante em definir espaços e lugares que correspondam a um ideal. Presumindo o espaço territorial como fundamental na maneira como o homem se estabelece em sociedade, como lugar de convívio humano, pretende-se viabilizar a experimentação sensorial mais do que apenas contemplativa dos espaços assim compreendidos como públicos. Onde conjuntamente pretende-se propagar as artes como experimentação no dia a dia desses indivíduos. Requerendo uma conduta não mais que desinteressada e sim mais convidativa a participação ativa nesses lugares de convívios sociais, desencadeando numa produção de linguagens artísticas correspondentes a essas afetividades de trocas.

Ao observar-se o desenvolvimento do desenho no século XX, é possível perceber um decréscimo na sua prática e produção, devido ao enorme progresso tecnológico que veio a possibilitar outras formas e maneiras da produção visual. Se utilizando de novas ferramentas seja pela fotografia ou ainda pela filmagem, as práticas do desenho passam a ser desvinculadas da grade curricular tradicional, fazendo com que aqueles profissionais que antes compunham esses currículos escolares com ensino de técnicas, passem assumir grupos mais específicos dentro da academia, por exemplo, em núcleos de ilustração científica, na arquitetura, no entre outros, fazendo perceber uma produção visual mais gráfica e tecnológica. Como bem ressalta Kuschnir (2016), se apropriando de outros conceitos, busca-se o resgate destas práticas pela antropologia do desenho, a qual se pretende dar vida, “voltar à vida”, readquirindo princípios como a sensibilidade, subjetividade, criatividade, espontaneidade, espírito, fluxo, experiência, pulsão, vida, totalidade, singularidade, possibilitando “novas fórmulas vitais” retomando âmbitos das artes.

O espaço da galeria pensado para uma exposição visual pretende-se a uma redução de informações que possam vir a interferir na apreensão dos conceitos estéticos e simbólicos de uma obra de arte exposta. Deve-se afastar qualquer interferência que impossibilite a contemplação visual da composição. Designando ao ambiente uma originalidade peculiar onde se intenta resguardar e propagar uma estrutura de concepções encerradas em si. Tornando-os similar a outros espaços, nos quais são transpassados por formalidades, misticidade, virtudes e experimentações, constituindo assim um recinto de harmoniosidade às particularidades das artes, concebendo dessa maneira um entusiasmo pela a assimilação na construção de novas simbologias no campo das artes. O espaço

converge deste modo a ressaltar os conceitos e valores substanciais a construção, a concepção e ao essencial das obras (O'DOHERTY, 2002).

Apropriando-se de conceptualizações mais academicistas, é possível compreender que a obra torna principal ferramenta, veículo pelo qual irá provocar a argumentação de uma maneira mais democrática, no qual os conceitos que a envolvem são mais relevantes que a obra visual em si, mais do que a própria materialidade da arte. Explicitando conceitos pelo qual no passar dos anos da modernidade “o contexto torna-se conteúdo”.

3. METODOLOGIA

A proposta é de implementar a Galeria Intercultural Magliani no saguão inferior que antecede o auditório, por assimilar que tal lugar seja um local de trânsito da comunidade acadêmica e que proporcione condições adequadas à contemplação das obras expostas. Deverão ocorrer exposições de artes plásticas, visuais e literárias previamente avaliadas e aprovadas pela equipe responsável da curadoria artística de gestão do espaço. Visando a continuidade e a integridade do espaço deverá se ter uma análise criteriosa quanto a atividades que coloquem em risco o conceito, contexto, artes expostas e objetos pertencentes à Galeria, tendo como base o Estatuto e editais para seleção dos artistas/obras a serem expostas.

Estima-se a construção de uma obra coletiva, alusiva a obra da artista homenageada, a qual fará parte do acervo e deverá proporcionar a integração entre os artistas locais. Ademais, objetiva-se a inauguração no mês de novembro de 2017 e exposições bimestrais de artistas locais e estudantes, conforme cronograma.

A fim de fazer um levantamento do interesse dos discentes na implementação desse espaço na universidade, assim como identificar, entre os entrevistados, aqueles que demonstrem potencial e interesse como um possível artista expositor para a Galeria foi disponibilizado um questionário *on line* aos acadêmicos do Campus Jaguarão. Após a avaliação dos resultados fez-se um levantamento das demandas discentes e dos materiais necessários à transformação do local, como pintura das paredes, projeto de iluminação direcionada e textos adesivados referentes ao nome da Galeria, além do estabelecimento de um cronograma.

Posteriormente, já com o espaço implementado, será instalado púlpito com o “caderno de assinatura” para que aqueles que por ali passarem e prestigiarem as exposições possa assinar a sua presença ou, ainda, deixar a sua opinião, críticas ou mesmo elogios, mantendo sempre um diálogo integrador, próximo entre artistas e expectadores, além de aplicação de pesquisa, através de questionário *on line* na página da Galeria e entrevistas com os participantes nos dias dos eventos. Pretende-se, também, a realização de reuniões mensais com os membros da equipe executora para avaliação da matriz SWOT da Galeria.

4. RESULTADOS e DISCUSSÃO

Mesmo antes da inauguração da Galeria Intercultural Magliani já se observa um maior diálogo artístico e integrador entre docentes, discentes, técnicos e terceirizados, entre a comunidade acadêmica e a comunidade do entorno da UNIPAMPA, rompendo, assim, as possíveis barreiras de separação que possam existir entre elas, transformando e modificando conceitos e pré-conceitos, através das linguagens artísticas, das artes plásticas e visuais.

Espera-se, ainda, suscitar a participação dos jaguarenses na construção e no compartilhamento de novas simbologias, aumentando, com isso, o fluxo de pessoas da cidade na universidade e que, não necessariamente, sejam apenas de pessoas

que tenham algum vínculo institucional. Além disso, promover e propagar, num espaço adequado, o olhar contemplativo para com as obras artísticas produzidas em âmbito acadêmico ou fora dele e na construção de um olhar crítico para com as possíveis linguagens artísticas produzidas a partir dos encontros neste espaço.

Através da curadoria tem-se trabalhado o planejamento e a gestão do espaço, com contato permanente com artistas e exposições e, conseqüentemente, a prática do curso de Produção e Política Cultural. Tendo em vista que se trata de um espaço intercultural e multiuso, docentes e principalmente discentes possuem um lugar para interagir, expor ideias, também seus trabalhos, pois, assim, se dá a ligação entre os cursos. Entende-se importante todo o tipo de interação: aluno-professor, aluno-aluno, aluno-funcionários, professores-funcionários. Os artistas poderão expor suas obras e a comunidade interna e externa à UNIPAMPA poderá prestigiar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a implementação da Galeria percebe-se a promoção de experiência para comunidade acadêmica e jaguareense e arredores exporem seus trabalhos plásticos, visuais e literários. Pretende-se, ainda, criar um diálogo de construção conjunta com os componentes curriculares dos cursos, com NEABI Mocinha, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da UNIPAMPA – Campus Jaguarão, de forma que o espaço seja um ambiente de práticas diversas e, também, com o Programa de Educação Tutorial - PET ligado ao bacharelado em Produção e Política Cultural, uma vez que o mesmo é uma possível ferramenta presente dentro do curso que pretende, sobretudo, a maturação dos conhecimentos na construção de saberes híbridos e interdisciplinares ligados ao campo da cultura, por meio de atividades e projetos de pesquisa, ensino e extensão. O que não anula a possibilidade de criar um diálogo com os PETS dos outros cursos e, até mesmo, projetos de extensão que possam existir dentro da universidade.

6. REFERÊNCIAS

ARANTES, Priscila. **Espaço urbano, investigação artística e a construção de novas territorialidades**. In: Maria Beatriz de Medeiros; Mariana F. M. Monteiro. (Org.). Espaço e Performance. Brasília: Universidade de Brasília, 2007, p. 153-171.

BOURDIEU, Pierre. **As produções simbólicas como instrumento de dominação**. Sobre o poder simbólico. O poder simbólico. Editora Bertrand, Rio de Janeiro, cap. I, p.7-15, 1989.

CARTAXO, Zalinda. Arte no espaço público: a cidade como realidade. **O Percevejo Online**, v. 02, p. 00-00, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **Hibridismo, Mobilidade e Multiterritorialidade numa perspectiva geográfico-cultural integradora**. In: Ângelo Serpa. (Org.). Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2008, v., p. 393-419.

KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, p. 5-13, 2016

O'DOHERTY, Brian. **Notas sob o espaço da galeria**. No interior do cubo branco: A ideologia do espaço da arte. Editora Martins Fontes, São Paulo, cap. I, p. 1-29, 2002.

SERPA, Ângelo. Microterritórios e segregação no espaço público da cidade contemporânea. **Cidades** (Presidente Prudente), v. 10, p. 61-75, 2013.